

Estado da publicação: O preprint não foi publicado em outro meio.

FÉ, CLIQUES E VOTOS: EFEITOS DE SENTIDO DA IDEOLOGIA NEOLIBERAL NO DISCURSO RELIGIOSO

Samuel Barbosa Silva, Sostenes Ericson

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.14035>

Submetido em: 2025-11-08

Postado em: 2025-12-08 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

A moderação deste preprint recebeu o(s) endosso(s) de:

- Evandra Grigoletto (ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1458-0491>)
- Silmara Dela Silva (ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5231-6662>)
- Solange GALLO (ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0243-4983>)

FAITH, CLICKS AND VOTES: THE EFFECTS OF MEANING OF NEOLIBERAL IDEOLOGY IN RELIGIOUS DISCOURSE

ABSTRACT: Networked society is an ancient human practice; however, with the advent of digital technology and the internet, associated with different technological materialities in contemporary capitalism, current society consists of another mass of users, that is, "the digital swarm [...] among users singularized by digital media" (Grigoletto and Galli, 2021, p. 236). In the last Brazilian decade (2014-2024), we observed a growing wave of conservative and moralistic discourses represented in different discourses, such as the political discourse of the far right and the neo-Pentecostal Christian religious discourse.

For the composition of the analysis corpus, we selected a post published on the digital wall of the social network "X", dated June 15, 2025, from the profile of the governor of São Paulo - Tarcísio de Freitas. In addition to the statement "It is through obedience that we can experience the power of God. A blessed Sunday to all!" — A 52-second video was attached containing excerpts from a biblical message preached by Tarcísio de Freitas at the Assembleia de Deus do Brás church in 2025.

Affiliated with the materialist perspective of Discourse Analysis (Pêcheux, 1988), we engage here in dialogue with studies on Brazilian evangelical neopentecostalism, representative politics (Cunha 2021; Silva and Silveira, 2023), and the digital age (Dias, 2018; Della-Silva, 2015; Grigoletto and Galli, 2021; Han, 2018), considering that the human-machine relationship is already part of the constitution of subjects (Dias, 2018).

FÉ, CLIQUES E VOTOS: EFEITOS DE SENTIDO DA IDEOLOGIA NEOLIBERAL NO DISCURSO RELIGIOSO

Samuel Barbosa Silva (IFCE - PPGLL/UFAL)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3274-3741>

<samuelbarbosa@ifce.edu.br>

Sóstenes Ericson (PPGLL/UFAL)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0905-1376>

<sostenes.silva@arapiraca.ufal.br>

Resumo: A sociedade em rede é uma prática humana ancestral; contudo, com o advento da tecnologia digital e da internet, associada a diferentes materialidades tecnológicas no capitalismo contemporâneo, a sociedade atual consiste em outra massa de usuários, ou seja, “o enxame digital [...] entre usuários singularizados pelas mídias digitais” (Grigoletto e Galli, 2021, p. 236). Na última década brasileira (2014-2024), observou-se uma crescente onda de discursos conservadores e moralistas representados em diferentes discursos, como o discurso político da extrema direita e o discurso religioso cristão neopentecostal. Para a composição do corpus de análise, selecionamos uma postagem publicada no mural digital da rede social “X”, datada de 15 de junho de 2025, do perfil do governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas. Além da declaração “É pela obediência que podemos experimentar o poder de Deus. Um domingo abençoado a todos!” — Um vídeo de 52 segundos contendo trechos de uma mensagem bíblica pregada por Tarcísio de Freitas na igreja Assembleia de Deus do Brás em 2025 foi anexado. Afiliados à perspectiva materialista da Análise do Discurso (Pêcheux, 1988), dialogamos aqui com estudos sobre o neopentecostalismo evangélico brasileiro, a política representativa (Cunha, 2021; Silva e Silveira, 2023) e a era digital (Dias, 2018; Della-Silva, 2015; Grigoletto e Galli, 2021; Han, 2018), considerando que a relação humano-máquina já faz parte da constituição dos sujeitos (Dias, 2018).

Palavras-chave: Discurso religioso. Discurso político. Redes sociais digitais. Neoliberalismo.

Introdução

A sociedade em redes é uma prática humana antiga, todavia, com o advento do digital e a internet associados às diferentes materialidades tecnológicas no capitalismo contemporâneo, a atual sociedade consiste em uma outra massa de usuários, isto é, “a do exame digital [...] entre usuários singularizados pelas mídias digitais” (Grigoletto e Galli, 2021, p. 236). Na última década brasileira (2014 - 2024), observamos uma crescente onda de discursos conservadores e moralistas representados em diferentes discursividades, a exemplo do discurso político da extrema direita e do discurso religioso cristão neopentecostal. Diante da crise econômico-política brasileira, a religião cristã, sobretudo com o apoio de boa parte dos evangélicos neopentecostais, utiliza-se da fé das pessoas para propor um enfrentamento desta “batalha” material (pela defesa dos “valores cristãos”) como uma “batalha espiritual”.

Desse modo, a participação de líderes evangélicos torna-se indispensável politicamente, pois o discurso religioso atravessado no discurso da política institucional (ou vice-versa) contribui para que o funcionamento da ilusão de reversibilidade (Orlandi, 2011) tenha o efeito necessário para atingir os fins esperados. Esta articulação é importante para atender aos interesses dominantes da estrutura capitalista contemporânea, como forma de controlar os sujeitos em tempos de crise social. Assim, as redes sociais digitais têm contribuído no processo de circulação de sentidos moralistas e fundamentalistas, alinhados às discursividades (re)produzidas por diferentes representantes institucionais.

Vinculada à pesquisa de pós-doutoramento, neste trabalho temos por objetivo analisar como o discurso político de extrema - direita no Brasil, ao ser atravessado pelo discurso religioso cristão neopentecostal, contribui na construção discursiva (Orlandi, 2007), para a manutenção da ideologia neoliberal (Guilbert, 2020) e, através das redes sociais digitais, instrumentaliza e disciplina (Foucault, 1975) os sujeitos, com o objetivo de manter a ordem do modo de produção social capitalista.

Para composição do *corpus* de análise, recortamos uma postagem publicada no mural digital da rede social digital “X”, datada de 15 de junho de 2025, do perfil do governador de São Paulo - Tarcísio de Freitas. Além do enunciado “*É por meio da obediência que conseguimos experimentar o poder de Deus. Um domingo abençoado a todos!*” — foi anexado um vídeo de

52 segundos com trechos de uma mensagem bíblica pregada por Tarcísio de Freitas, na Igreja Assembleia de Deus do Brás, em 2025.

Filiados à perspectiva materialista da Análise do Discurso (Pêcheux, 1988), fazemos aqui uma interlocução com os estudos sobre neopentecostalismo evangélico brasileiro, a política representativa (Cunha 2021; Silva e Silveira, 2023) e o digital (Dias, 2018; Della-Silva, 2015; Grigoletto e Galli, 2021; Han, 2018), considerando que a relação homem-máquina já faz parte da constituição dos sujeitos (Dias, 2018).

Em termos discursivos, interessa o funcionamento da ideologia, especificamente nas redes sociais digitais, nas quais circulam muitos sentidos em disputa, contradições e silenciamentos, que “são das diferentes formações discursivas a que se filiam os discursos e que levam à compreensão do modo como um processo discursivo se constitui” (Dela-Silva *et al.*, 2022, p. 77).

Entendendo que o sujeito é “interpelado pela ideologia que predomina nesse projeto civilizatório da sociedade, a formação ideológica do capital” (Amaral, 2016, p. 2), em se tratando do recorte do nosso estudo, o sujeito interpelado defende que a acumulação de bens materiais é uma bênção, é o desejo de Deus. É nessa direção que as teologias da prosperidade e da dominação se tornam importantes para o projeto econômico-político brasileiro, porque refletem que a resolução dos problemas socioeconômicos, que são de ordem material, deve ser alcançada mediante a obediência para que a “benção” seja alcançada.

Acrescentamos que as igrejas evangélicas neopentecostais brasileiras contribuem neste propósito, pois exercem atividades sociais que procuram ocupar a ausência do Estado, sobretudo em comunidades periféricas, funcionando como espaços de acolhimento de *sujeitos objetificados e expropriados* de seus direitos pelo capital (Ericson, 2019), que, por sua vez, orienta a própria ação estatal no neoliberalismo vigente.

Pelo efeito da interpelação, são constituídos sujeitos fieis-eleitores filiados à ideologia neoliberal, que materializa um alento de esperança para enfrentar as mazelas do deus deste tempo: o mercado capitalista, no discurso político atravessado pelo discurso religioso. Como argumento fundamental nesse entrecruzamento discursivo, defende-se a existência de um mal a ser combatido e que há um nós (cidadãos de bem, cristãos, patriotas, defensores da família, conservadores, etc) *versus* eles (comunistas, homossexuais, feministas, ateus, etc.), que se

constituí atualmente como uma característica que aproxima a política da extrema-direita brasileira e os evangélicos neopentecostais.

Redes sociais digitais no capitalismo da vigilância

A sociedade em redes é uma prática humana antiga, todavia, com o advento do digital e a internet, associado às diferentes materialidades tecnológicas no capitalismo contemporâneo, as redes foram ganhando mais espaços e transformando-se em redes de informação (Castells, 2013). No início do século XXI, com a democratização do acesso à internet e a popularização das diferentes plataformas nas mídias digitais em escala mundial foi possível que os usuários da internet pudessem acessar e participar ativamente de situações diversas que são parte do cotidiano, expressando-se de modo heterogêneo, principalmente em redes sociais digitais como Instagram, Youtube, Tik Tok, Facebook, Tumblr, etc. Isto mostra que, nas novas configurações do trabalho em ambiente digital, “em termos sociológicos, o que define nossa era é a conexão em redes por meios comunicacionais tecnológicos” (Miskolci, 2017, p. 18).

Na perspectiva do discurso, consideramos que na sociedade em redes, especificamente nas redes sociais digitais, “há portanto, circulando muitos sentidos em disputa, muitas contradições e silenciamentos que são da ordem do ordinário do sujeito e dizem das suas filiações político-ideológicas, as quais se manifestam pela linguagem” (Grigoletto; Galli, 2021, p. 237).

É oportuno dizer que nas redes sociais digitais a influência dos algoritmos de inteligência artificial é importante no processo de interpelação (ou não) do sujeito à determinada matriz de formação discursiva, que venha corroborar a ideologia dominante, em um *modus operandi* de capitalismo da vigilância, nos termos propostos por Zuboff (2018) e Grigoletto e Galli (2021).

Conforme Zuboff (2018, p. 18), o capitalismo da vigilância é uma metamorfose do “capitalismo de informação [que] procura prever e modificar o comportamento humano como meio de produzir receitas e controle de mercado”. Grigoletto e Galli (2021) afirmam que o capitalismo da vigilância produz o efeito de um sujeito-livre, para dizer o que pensa e faz, sem alguém/algo para o controlar, apagando-se, assim, os efeitos da ideologia sobre o sujeito. Desse modo, o algoritmo contribui para o capitalismo da vigilância, ao mediar “as interações entre os

usuários de redes sociais como Facebook, Instagram, Tik Tok [...] e das plataformas Netflix e Youtube, por exemplo” (Praxedes, 2024, p. 203).

Considerando a “produção social da própria vida”, em correspondência com o “desenvolvimento das forças produtivas materiais” (Marx, 1978, p. 129-130), entendemos que as redes sociais digitais se constituem como relações sociais que estabelecemos por meio das plataformas digitais e condicionam o uso das tecnologias de informação e comunicação são invisíveis. Por isso, muitas vezes, os algoritmos de inteligência artificial, utilizados no nosso dia a dia, parecem ter uma vida própria, enquanto “produtos do cérebro humano que parecem dotados de vida própria, figuras autônomas, que mantêm relações entre si e com os homens” (Marx, 1983, p. 71). Assim, embora todas essas tecnologias sejam criadas pelo trabalho humano, elas aparecem como autônomas e separadas dos seus criadores, operando automaticamente de forma objetiva e com vida própria.

Nesse sentido, por meio dos algoritmos, as redes sociais digitais também contribuem nas discussões desde as mais corriqueiras até as mais polêmicas do nosso cotidiano, pois, quando os usuários acessam frequentemente conteúdos que corroboram suas crenças, opiniões, etc. uma das funções dos algoritmos nestas plataformas é recomendar com maior frequência conteúdos que apresentem afinidade com aquilo que o usuário *deseja* ver, comentar, compartilhar, curtir, etc. Assim,

quando acessamos conteúdos que expressam sentimentos, crenças e opiniões políticas, esse mecanismo gera um viés que acaba recomendando aqueles vídeos que correspondem às preferências do internauta, reforçando a convicção nas suas próprias opiniões e preconceitos e com isso contribuindo para restringir a navegação dos internautas dentro das chamadas “bolhas” formadas por usuários que compartilham as mesmas ideias (Praxedes, 2024, p. 211).

Entendemos que as redes sociais contém discursos “ordinários” acerca de eventos relacionados à cena política brasileira, tão presentes em nosso cotidiano, e que afetam a nossa formação social” (Grigoletto; Galli, 2021, p. 237). Conforme o objetivo anteriormente apresentado, interessam os discursos que são formulados e circulam na postagem publicada pelo governador na rede digital “X”, especificamente o discurso político da extrema direita e o discurso religioso cristão neopentecostal, e como estes contribuem na construção discursiva (Orlandi, 2007) e na produção de sujeitos.

Desse modo, as redes sociais digitais são um espaço que comporta discursos da ordem dos universos não logicamente estabilizados, conforme Pêcheux ([1983a], 1997c). No mesmo entendimento, Grigoletto e Galli (2021) refletem como as diferentes tecnologias digitais (especialmente as redes sociais) têm afetado nosso cotidiano e contribuído para manutenção do neoliberalismo em um capitalismo da vigilância, de modo que ocorre simultaneamente a “dispersão e controle políticos, dispersão e controle de sentidos” (p. 250).

Corroborando o pensamento de Castells (2013), consideramos que a sociedade em redes é também uma sociedade de controle. Na concepção de Silveira (2018, p. 37), “um dos principais modos de controle que os gestores das plataformas possuem sobre os seus usuários se dá pela modulação das opções e dos caminhos de interação e de acesso aos conteúdos publicados”.

Sendo assim, é indispensável compreender o funcionamento dos discursos político-religiosos nas redes sociais digitais por meio dos algoritmos e como, nesta arena discursivo-argumentativa, a ideologia interpela os sujeitos-usuários dessas plataformas, para explicar a relação existente entre àqueles e o neoliberalismo. “E todo esse sistema perverso de controle dos dados dos sujeitos- usuários das diferentes mídias digitais contribui para a expansão do neoliberalismo, tornando-nos cada vez mais dependentes do uso de diferentes plataformas para nossas práticas cotidianas” (Grigoletto; Galli, 2021, p. 240).

Nessa perspectiva, é preciso que a “informação” circule rapidamente, a partir de novos compartilhamentos, curtidas, etc, para gerar sempre mais engajamento nas redes sociais digitais, já que “a rápida circulação de informações acelera também a circulação de capital” (Han, 2018, p. 104). No entanto, conforme Grigoletto e Galli (2021), o engodo tecnológico só produz eficácia quando aliado ao engodo ideológico, somado a isto, “sobredeterminados pela lógica do capitalismo da vigilância, os sujeitos-usuários dessas mídias [...] identificam-se e/ou replicam discursos que circulam na nossa formação social” (p. 241-242).

Religião cristã neopentecostal e a política brasileira

Nesse momento, buscamos compreender as afinidades existentes entre o (neo)pentecostalismo cristão e a política no contexto brasileiro, destacando que, no aspecto religioso, o

pentecostalismo surgiu primeiro. O pentecostalismo tem como base a passagem bíblica cristã de Atos 2:4 e teve origem nos Estados Unidos da América (EUA), no início do século XX, quando o movimento pentecostal ficou conhecido como Avivamento da Rua Azusa (Mendes Pini *et al.*, 2023).

Em 1910, apenas quatro anos depois das primeiras manifestações modernas do pentecostalismo nos EUA, esse movimento religioso chegou ao Brasil, por meio do pregador Luigi Francescon e a fundação da Igreja Congregação Cristã no Brasil. [...] o pentecostalismo brasileiro [foi dividido] em três períodos, conhecidos como as ondas pentecostais (Mendes Pini *et al.*, 2023, p. 3).

De acordo com Mariano (2010 [1999]), essas ondas ficaram conhecidas como a) *pentecostalismo clássico*, b) *deuteropentecostalismo*; e c) *neopentecostalismo*. Nossa análise, então, está situada na terceira onda do movimento, o *neopentecostalismo*, que surgiu no Brasil na década de 1970, como proposta de renovação das igrejas pentecostais pertencentes às duas primeiras ondas. O sociólogo Ricardo Mariano (1999) foi o responsável por cunhar o termo “*neopentecostalismo*”, para se referir às igrejas brasileiras do final do século XX, que surgiram com a proposta de “*renovação pentecostal*”. Assim, a designação “*neopentecostalismo*” propõe que “o radical ‘neo’ significa ‘novo’, no sentido de recente, mas também de ‘inovador’ [...] e apresenta mudanças teológicas, comportamentais e sociais significativas” (Feitosa Gonçalves *et al.*, 2022, p. 6).

O surgimento das primeiras igrejas brasileiras de vertente *neopentecostal* trouxeram consigo duas propostas teológicas oriundas dos EUA: A Teologia da Prosperidade (TP) e a Teologia da Dominação (TD). Ambas teologias têm por fundamento doutrinário uma preocupação com a vida terrena, cujo objetivo principal é alcançar as “*bençãos*” materiais ainda em vida, contrariando, assim, as primeiras ondas pentecostais, que defendiam uma proposta de “*bençãos*” celestiais, pós-vida. Naquele período, as Igrejas Universal do Reino de Deus e Internacional da Graça de Deus, respectivamente, presididas pelos pastores Edir Macêdo e R.R. Soares, foram as primeiras denominações cristãs evangélicas que surgiam na vertente *neopentecostal*. Do ponto de vista discursivo, é oportuno salientar que essa “*renovação*” pentecostal surgiu alinhada aos interesses econômicos da época, valorizando, assim, a sociedade de consumo e a mudança de valores morais.

Do ponto de vista político-econômico-religioso, há também uma releitura do calvinismo clássico e da perspectiva liberal, tal como Max Weber (2013) enfatizou, tendo em conta que, a princípio, a “*ética protestante*” tem como fundamento a vida dos sujeitos pautada em como se

relacionam com o trabalho e a acumulação de riquezas. A partir das reflexões de Weber (2013), pode-se afirmar que

o lucro, desde que para glorificar Deus, era não só permitido como estimulado. Isso só é possível com o advento da Reforma Protestante de 1517, época em que as bases do capitalismo mercantil e são colocadas. [...] Destarte, pode-se dizer que a religião cumpre um papel dentro do capitalismo: o que antes era o meio de se chegar a Deus (a disciplina, a racionalização e a objetividade, uma vida regrada e entregue ao trabalho e à perseguição do lucro), torna-se seu próprio fim (Almeida, 2023, p. 117-118).

A releitura do neopentecostalismo contemporâneo, amparada nas TP e TD, prega a conversão mediante a fé e a entrega de si e dos seus bens materiais como “oferta” a Deus, daí resultando a condição de materialmente “abençoado” no plano terreno. Funcionando segundo a ótica da acumulação de riqueza, esta vertente está circunscrita ao que (Amaral, 2007) denominou de formação ideológica do capital, o que nos permite considerar que para o discurso religioso, sobretudo neopentecostal, a acumulação de bens materiais é uma bênção divina sobre a vida do fiel, sendo esse, portanto, o desejo de Deus.

É nessa direção que as teologias da prosperidade e da dominação tornam-se importantes para o projeto econômico-político brasileiro, porque refletem que a resolução dos problemas socioeconômicos, que são de ordem material, devem ser alcançado mediante a fé para que a “graça” seja alcançada. Acerca destas teologias pode-se dizer que:

A Teologia da Prosperidade prega que a obtenção de lucro e riquezas materiais não deve ser vista como um problema moral e sim como algo desejável e valorável, sendo o sucesso material e o dinheiro reconhecidos como reflexo da ação de Deus na vida do ser humano. [...] A Teologia do Domínio se constroi do dualismo *Deus X Diabo* e da ideia de que há uma guerra espiritual na qual essas entidades guerreiam pelo domínio do mundo material [...] confere aos fiéis a responsabilidade de entrar nessa guerra espiritual auxiliando Deus a vencer (Mendes Pini *et al.*, 2023, p. 4-5).

É a partir da ênfase dada à questão financeira individual — convergindo com os princípios neoliberais — e do propósito de contribuir com deus para vencer os males deste “mundo” (o combate ao comunismo e seus princípios, por exemplo) que as igrejas neopentecostais brasileiras inauguram uma nova forma de fazer política e lançar candidatos (fiéis representantes) a cargos políticos. De acordo com Barbosa (2020), ao adentrar o espaço político representativo, os representantes políticos destas igrejas agem de forma corporativista e

institucionalizada no parlamento, com o objetivo de “incorporar seus valores religiosos ao corpo normativo do Estado brasileiro” (Mendes Pini *et al.*, 2023, p. 6).

No contexto político-econômico brasileiro, após 2010, é possível sentir os impactos da crise estrutural do capital (Mészáros, 2011), especialmente, em finais do primeiro mandato do governo Dilma Rousseff, que “reacende a frente neoliberal [...], composta pela burguesia associada ao capital financeiro internacional, instrumentalizada por instituições estatais [...] e privada, como meios de comunicação de massas” (Feitosa Gonçalves *et al.*, 2022, p. 15).

Acrescentamos que as igrejas neopentecostais brasileiras também têm contribuído neste propósito, sobretudo, porque boa parte dos seus fiéis, que são as maiores vítimas da crise estrutural do capital, moram nas periferias das cidades brasileiras. Estas igrejas vão exercer, então, atividades sociais voltadas aos sujeitos fiéis-eleitores, assolados pelo neoliberalismo, que encontram no discurso religioso um alento de esperança, através da fé, para enfrentar as mazelas do modo de produção capitalista. Assim, Almeida (2023), “afetados pelo movimento destrutivo do capital que (des)organiza a vida, tais sujeitos, em seu desamparo e desalento, são eficazmente interpelados pelo discurso do capital, involucrado, contudo, no discurso religioso” (p. 119-120).

No contexto brasileiro, o desenvolvimento de uma identidade religiosa neopentecostal, amparado pelas TP e TD, nas primeiras décadas do século XXI, tem contribuído para criar comunidades imaginadas (Anderson, 2008) e reforçar com o apoio político representativo a lógica do neoliberalismo. Do ponto de vista político brasileiro, é a extrema-direita que ocupa espaços dentro dos templos religiosos neopentecostais, com o apoio dos principais líderes religiosos nacionais, aventando, assim, nos sujeitos fiéis-eleitores, um Populismo de Direita Radical (PDR) ou Populismo Reacionário (PR), nos termos propostos por Mudde (2019), e Lynch e Cassimiro (2021). Nessa perspectiva, a extrema-direita

pode ser definida como movimentos, ideologias e lideranças heterogêneas caracterizadas pela convergência em torno de temas como a defesa de uma relação social hierárquica entre grupos de uma sociedade, o ultranacionalismo, a xenofobia, o repúdio ao pluralismo sociocultural e um sentimento contrário às elites do establishment político [...] [utilizando] técnicas de propaganda, políticas anti-intelectualismo e exploração de um passado mítico (Mendes Pini *et al.*, 2023, p. 6-7).

É nesse conjunto de crenças, valores, ideias e ideais que os sujeitos fiéis-eleitores, interpelados pela ideologia neoliberal, se inscrevem em determinados discursos político-religiosos,

atendendo ao apelo do amparo emocional, financeiro etc., espaço no qual ganha fôlego a construção de um Populismo Reacionário, imperativo para eleição de um “herói” nacional que venha atender, supostamente, os interesses do coletivo, a exemplo do que nas eleições presidenciais de 2018 projetou o então candidato Jair Bolsonaro (Partido Liberal — PL) e, mais recentemente, tem contribuído para ampliar o apoio neopentecostal à candidatura de Tarcísio de Freitas (Partido Republicanos), atual governador do estado de São Paulo, à presidência da República, nas eleições de 2026.

No pleito de 2018, a construção de enunciados como “o povo é o supremo poder” e/ou “Deus, pátria, família e liberdade”, abriram margem para um imaginário de um “herói antissistema” (Jair Bolsonaro), e este, por sua vez, no projeto político da extrema-direita teve como principal “característica a construção de um argumento no qual a legitimidade para o exercício do poder residiria no povo e não nas elites, deslegitimando autoridades, políticos, partidos opositores e a mídia” (Mendes Pini *et al.*, 2023, p. 8).

Acrescido a este fenômeno, a junção da religião neopentecostal com a política da extrema-direita no Brasil, é importante considerar que

quando uma vertente religiosa ganha muito domínio e influência sobre grande parte da população de um país, como ocorre no Brasil com as igrejas evangélicas, fica fácil ditar as condutas e manipular os comportamentos. E quando essa vertente religiosa se vincula a uma vertente política, o país se torna completamente vulnerável aos interesses desses grupos como se fossem seus próprios interesses (Ferreira, 2020, p. 4).

O ponto de partida determinante de Jair Bolsonaro para a sua associação ao neopentecostalismo foi seu batismo no Rio Jordão, em Israel, no ano de 2016. Já em 2018, Bolsonaro recebeu apoio público de grandes líderes pentecostais, a exemplo do deputado e pastor Marco Feliciano (PL) e do bispo e dono da TV Record, Edir Macedo.

Além disso, os principais líderes da extrema-direita tinham também um “guru” intelectual representado por Olavo de Carvalho (falecido em 24/01/2022). Não à toa, ele foi o principal ideólogo do governo Bolsonaro (2019-2022), influenciando pastas importantes como o Ministério da Educação e o Ministério das Relações Exteriores. Destacamos que a extrema-direita é responsável pela construção de uma narrativa que atribui o suposto declínio do ocidente ao “marxismo cultural” (Minnicino, 1992) e ao “politicamente correto” (Pini, 2021). Essa crítica voltada ao combate ao inimigo comunista, que supostamente ronda a sociedade capitalista contemporânea, e ao politicamente correto também é comum aos grupos

neopentecostais, que afirmam que seus valores tradicionais, como a família e a liberdade religiosa estariam ameaçados face ao avanço do marxismo cultural (Lynch; Cassimiro, 2021).

O avanço nas discussões acerca das pautas identitárias emergentes nos últimos anos no Brasil — casamento homoafetivo, direitos reprodutivos das mulheres, marco de terras indígenas, etc. e o advento da crise sanitária mundial (Covid-19), que priorizou o discurso científico e recomendou o distanciamento físico para evitar a propagação do vírus, fato que atingia também os templos religiosos — tornaram-se instrumentos de combate da política da extrema-direita que encontrou um terreno fértil no meio neopentecostal, em alinhamento, principalmente com a Teologia do Domínio. Estas discussões foram implementadas pela política representativa de extrema-direita e pelas principais lideranças evangélicas neopentecostais como uma tentativa de “doutrinação” e um suposto domínio de um “marxismo cultural” no conjunto da sociedade.

Assim, políticos da extrema direita, alinhados aos principais líderes evangélicos neopentecostais, criaram um inimigo em comum - o espantalho do advento do comunismo -, que deve ser combatido, e fizeram circular discursos de desinformação entre os fiéis-eleitores que, em sua maioria, corroboram esse imaginário pelo efeito da interpelação. Jair Bolsonaro e o pastor Silas Malafaia, por exemplo, foram uns dos principais agenciadores do discurso anticomunista, principalmente ao relacionar a figura do diabo ao comunismo, este último, por sua vez, filiado a um “marxismo cultural”. Segundo Almeida (2023), nos estágios atuais de desenvolvimento do capitalismo, os sentidos de Deus, por exemplo, são mobilizados em defesa do próprio sistema econômico, tendo seu rival, “o Diabo”, representado pelo “comunismo”, pela agenda social ou pela própria existência da democracia. Desse modo,

[...] políticos e movimentos se apropriam da religião, sustentando-se nela como se fossem seus representantes. Por se entenderem maioria, tais figuras políticas e/ou religiosas tentam homogeneizar discursos, o que significa dizer que, em suas práticas, são capazes de promover um ciclo de marginalização daquelas/es que não são seguidoras/es de uma determinada doutrina. Isso pode se manifestar como crimes de ódio (Almeida, 2023, p. 126).

Filiado ao discurso religioso, o sujeito fiel-eleitor busca encontrar uma pretensa segurança no simulacro de amparo promovido pelo discurso religioso, interpretando o mundo sob a ótica do discurso dominante, que situa o capitalismo como seu “Deus” e as forças políticas de combate a esse sistema como o próprio “Diabo” — como o mal a ser evitado (Almeida, 2023). É a partir dessa compreensão que avançamos para apontar as convergências existentes entre o neopentecostalismo e a política de extrema-direita brasileira, ao compartilharem ideias/ideais

que corroboram a manutenção do neoliberalismo, com o suposto objetivo de proteção moral e da ordem social vigente.

“Com Abraão, a aliança abraâmica”: fé neopentecostal e cliques em disputa no jogo político dos sentidos

Conforme anteriormente apontado, analisamos uma publicação postada na rede digital “X” no perfil do governador de São Paulo (Tarcísio de Freitas), considerando os dizeres que constam no mural: “*É por meio da obediência que conseguimos experimentar o poder de Deus. Um domingo abençoado a todos!*” e um vídeo de 52 segundos anexado à publicação, sendo transcrito a seguir:

“Deus estabelece uma aliança com Abraão, a aliança abraâmica, quando ele fala: saí da sua casa, sai da sua parentela, sai da casa do seu pai. Pra onde? Não importa! Eu vou te mostrar o caminho, eu vou te abençoar. Que que abraão fez? obedeceu. Deus fez essa aliança com Moisés: Vai lá, liberta meu povo do faraó. Quem sou eu pra libertar meu povo? Que que Deus responde pra ele? Eu sou contigo! Obediência. Tem uma segunda característica da promessa: dependência, impossibilidade. Deus é o Deus do impossível. Só que Deus é o Deus do impossível e fala pra gente: faça o possível, o impossível deixa comigo que eu realizo.”



Fonte: <https://x.com/tarcisiogdf/status/1934206852885266690?t=e9U8DsPC7cWSTnCw6ANp-Q&s=08>.

Acesso em: 01 nov. 2025.

Nesse gesto de análise, compreendemos que os enunciados proferidos pelo governador Tarcísio de Freitas articulam, de modo estratégico, as formações discursivas política e religiosa, em uma enunciação que se ancora na narrativa bíblica e se atualiza sob a perspectiva da visibilidade digital. Todavia, como Pêcheux (1988, p. 160) observa, “*todo discurso é o índice potencial de uma agitação nas filiações ideológicas*”, e é justamente nesse entrelaçamento entre fé e política que se materializa a força ideológica desse dizer.

Nesse sentido, a formulação “é por meio da obediência que conseguimos experimentar o poder de Deus” produz um efeito de naturalização da submissão espiritual-política como virtude, deslocando o campo da ação coletiva para a moral individual. Trata-se de um discurso que, à

primeira vista, tem caráter devocional; entretanto, ao ser proferido por uma autoridade política no púlpito de um templo neopentecostal e circulado nas redes digitais, adquire estatuto de discurso político-religioso, que atua sobre o imaginário social, construindo a figura do governante como mediador entre o divino e o povo.

Como Orlandi (2011, p. 44) afirma, “*o discurso é lugar de constituição do sujeito e de produção de sentidos*”. O sujeito que enuncia — o governador — ocupa simultaneamente duas posições ideológicas: a do líder político e a do pregador cristão. Esse deslizamento de posições cria o efeito de “governante ungido”, figura que, ao invocar para os fiéis a sua obediência a Deus, legitima a obediência à própria autoridade política, resultando numa posição sujeito que denominamos fiel-eleitor.

Cabe destacar que as condições de produção desse discurso são atravessadas por fatores sociais, econômicos e históricos, conforme mostrado em seções anteriores. Nesse sentido, com a intensificação da agenda neoliberal — marcada por privatizações, austeridade fiscal e precarização do trabalho — e a expansão do poder político das igrejas evangélicas, sobretudo as de orientação neopentecostal, Tarcísio de Freitas, aliado à direita cristã e à base bolsonarista, insere-se nesse contexto em que a fé se torna instrumento de legitimação política.

Assim, a obediência — valor teológico — é deslocada para a cena política como valor moral universal, naturalizado e descontextualizado. Esse deslocamento expressa o que Pêcheux (1988, p. 67) denomina de “*efeito de transparência ideológica*”: o enunciado linguístico apresenta-se como supostamente neutro e verdadeiro, apagando as relações de força que sustentam a discursividade.

A enunciação é, portanto, o ponto de encontro entre duas formações discursivas: a religiosa cristã conservadora, marcada pela ideia de submissão à vontade divina, e a política neoliberal, centrada na responsabilização individual e na meritocracia. Como Pêcheux (1988) sintetiza, “*as formações discursivas são atravessadas por formações ideológicas que determinam, no discurso, o que pode e deve ser dito*”. Assim, esta discursividade não se trata de uma escolha pessoal, mas a atualização de uma rede de dizeres que circulam nas esferas política e religiosa contemporâneas.

Ao dizer “faça o possível, o impossível deixa comigo”, o governador enuncia uma versão espiritualizada da racionalidade neoliberal. O sujeito é convocado a agir dentro de seus limites — o “possível” — enquanto o sucesso é transferido à intervenção divina. Essa estrutura

discursiva reflete o deslocamento característico do neoliberalismo: a substituição da responsabilidade social coletiva pela autogestão individual.

Desse modo, o discurso religioso reforça o imperativo neoliberal da autossuficiência, recoberto por uma moralidade cristã. A ideologia se faz sentir justamente nesse ponto de sutura entre o econômico e o espiritual. Marx & Engels (2011, p. 94) já advertiam que *“as ideias dominantes de uma época são as ideias da classe dominante”*, e aqui vemos como o discurso da fé se torna veículo para a reprodução simbólica da ordem capitalista. A promessa de prosperidade divina opera como compensação moral diante da precariedade material.

Para tanto, Orlandi (2007, p. 18) nos ensina que *“a ideologia se materializa no discurso por meio dos efeitos de sentido”*, e esses efeitos são produzidos no entrecruzamento das formações discursivas. No caso em análise, os sentidos de fé, disciplina, mérito e prosperidade articulam-se para sustentar um projeto de poder que depende da docilização do sujeito cristão evangélico.

O discurso religioso-político de Tarcísio se inscreve em uma memória discursiva marcada por enunciados de submissão e sacralização da autoridade, que remontam tanto à tradição católica colonial quanto às práticas neopentecostais contemporâneas. O eco dessas memórias é o que confere ao enunciado sua aparente naturalidade: o público reconhece a lição de Abraão e Moisés não apenas como metáfora religiosa, mas como modelo de conduta moral e social.

No entanto, há um apagamento ideológico que significa nestes dizeres. A história bíblica de Moisés é, na verdade, uma narrativa de libertação de um povo oprimido, um gesto de enfrentamento do poder faraônico — símbolo da tirania e da exploração. Ao recontar essa história sem mencionar a libertação, Tarcísio de Freitas realiza um apagamento ideológico: retira da memória o conflito e conserva a obediência, isto é, há um apagamento das contradições para garantir a coerência do sentido dominante. Ao mesmo tempo silencia-se a desigualdade, o desemprego, a violência de Estado — pois, torna-se o fundamento do discurso de obediência. O silêncio é, aqui, um operador ideológico.

A obediência, portanto, aparece como virtude natural, não como efeito de uma formação ideológica. Ao enunciar a submissão como caminho para a bênção, o governador apaga as contradições sociais que determinam quem pode, de fato, “fazer o possível” e quem está excluído das condições mínimas para agir.

Quando Tarcísio posta sua fala no X, ele desloca o discurso do espaço litúrgico para o espaço algorítmico, onde o sentido é governado pela lógica do engajamento. A obediência deixa de ser apenas conteúdo religioso e passa a ser produto simbólico, circulando como slogan moral entre seguidores e apoiadores.

Esse movimento demonstra como o discurso político-religioso se ajusta à racionalidade neoliberal: tudo se torna conteúdo, tudo se torna capital — inclusive a fé. Como afirma Orlandi (2011, p. 78), “*a linguagem é lugar de luta, mas também de captura*”. No ambiente digital, essa captura é mediada pelos algoritmos, que selecionam, hierarquizam e amplificam determinados dizeres, funcionando como **máquinas ideológicas** contemporâneas. Nesse ponto, a obediência deixa de ser apenas teológica e torna-se digital. O fiel é agora também seguidor; o culto é feed; o amém é curtida. A fé circula sob as regras da visibilidade neoliberal, em que cada interação é uma moeda e cada enunciado, uma mercadoria.

A circulação do discurso de Tarcísio de Freitas nas redes digitais amplia seus efeitos ideológicos e redefine sua materialidade discursiva. Ao postar seu sermão em formato de vídeo e sintetizar a mensagem em uma frase de efeito, o governador adapta sua fala às condições de produção do ambiente digital, em que os sentidos se constroem sob a lógica da instantaneidade, da afetividade e da visibilidade.

Nesse espaço, o discurso político-religioso opera como conteúdo performático, moldado pela economia da atenção. O algoritmo se torna uma nova instância de poder discursivo: ele seleciona, hierarquiza e amplifica enunciados que mobilizam afetos morais, gerando engajamento e legitimidade simbólica. Orlandi (2023, p. 41) lembra que “*a circulação é constitutiva do discurso; ela reconfigura os sentidos e redefine os sujeitos*”. Assim, a postagem de Tarcísio não é apenas uma repetição de um sermão religioso: é um gesto político-digital que inscreve a fé na lógica do mercado comunicacional.

Ao condensar a fé em uma frase e um vídeo breve, o governador transforma o sagrado em mercadoria simbólica. Esse processo reflete a colonização da linguagem pela racionalidade neoliberal, que converte toda manifestação humana em valor de troca. No caso de Tarcísio, o enunciado “obediência” adquire a função de *slogan* moral, apto a circular em memes, reels e compartilhamentos, integrando-se a uma cadeia discursiva que associa fé, produtividade e sucesso.

Nessa leitura discursiva, designa-se o modo de produção simbólica em que a retórica evangélica se funde com o capitalismo financeiro e com a lógica da expansão territorial — seja ela material (nas favelas, no campo, nas instituições) ou simbólica (nas redes digitais). O que está em jogo não é apenas a fé como crença, mas a fé como dispositivo de gestão social, sustentado por valores de prosperidade, obediência e sacralização do lucro. Nesse sentido, a postagem de Tarcísio pode ser lida como um ato discursivo: o Estado se funde com o púlpito, e o governante se apresenta como mediador entre Deus e o mercado.

A mensagem “faça o possível, o impossível deixa comigo” mobiliza um imaginário de fé empreendedora, no qual a salvação e o sucesso são resultados de esforço e submissão — valores perfeitamente compatíveis com o imaginário neoliberal. Como afirmam Marx & Engels (2011, p. 92), “*as relações sociais assumem a forma de relações entre coisas*”, e, no capitalismo contemporâneo, essas “coisas” também incluem as palavras e os afetos religiosos.

O discurso político-religioso funciona, portanto, como uma mercadoria discursiva, cuja circulação reforça a hegemonia ideológica da classe dominante. Ele não apenas reproduz a lógica da obediência espiritual, mas reconfigura o espaço público em torno de uma moral de consumo afetivo: o fiel-seguidor compartilha a postagem não apenas porque crê, mas porque performar a fé se tornou ato de pertencimento político.

A fé, tornada conteúdo, ganha valor econômico e político. As curtidas, visualizações e comentários não são simples interações: são formas de trabalho simbólico que geram capital social e legitimidade eleitoral. O “domingo abençoado” de Tarcísio de Freitas é, ao mesmo tempo, uma saudação religiosa e um dispositivo de engajamento, que transforma o fiel em trabalhador gratuito da difusão ideológica.

Como apontado por Orlandi (2007, p. 65), “*o discurso se realiza entre a memória e a atualidade, e é aí que a ideologia trabalha*”. A narrativa bíblica de Abraão e Moisés é mobilizada no presente para sustentar a ideologia da submissão e da fé como mérito. Esse gesto discursivo é o que Pêcheux (1988, p. 82) define como “*movimento de repetição que produz o novo na forma do mesmo*”, em outras palavras, o discurso parece atualizar-se, mas apenas reinscreve a ideologia dominante sob outra aparência.

A obediência pregada por Tarcísio não é apenas espiritual: é política. Ela se dirige a um povo exausto pelas contradições do capitalismo periférico, oferecendo uma saída simbólica em lugar de uma transformação material. É exatamente essa unidade imaginária — a do “povo de Deus”

— que o discurso religioso reforça, apagando as divisões de classe e legitimando a desigualdade como desígnio divino.

No ambiente digital, o discurso religioso funciona como máquina de subjetivação coletiva. Ele transforma o sujeito precarizado em sujeito fiel e produtivo, o fracasso em prova espiritual e a submissão à liberdade moral. O fiel não apenas obedece: ele quer obedecer, porque a obediência o faz sentir parte do espetáculo da fé e da nação.

Esse espetáculo é também político. O uso do púlpito pelo governador constitui uma forma de teatralização do poder, na qual o corpo do governante é investido de aura religiosa. A cena do culto, replicada na rede, cria o efeito de líder messiânico. Pêcheux (1988, p. 162) assinala que *“a ideologia interpela os indivíduos como sujeitos, constituindo-lhes uma evidência de si”*. Assim, o seguidor digital, ao assistir e compartilhar o vídeo, se reconhece no papel de fiel obediente, confirmando a interpelação.

A fé, assim como o consumo, é quantificada: mede-se o valor do sagrado pelo número de visualizações. O discurso religioso é eficaz porque se ajusta a essa economia simbólica, oferecendo um produto moral que pode ser compartilhado, comentado e monetizado. A fusão entre neoliberalismo e religião amplificada pelas redes digitais. No capitalismo neoliberal brasileiro, o discurso religioso é o espírito de uma política — uma política da fé, que substitui a luta por direitos pela promessa de bênção e pela retórica da superação individual.

Desse modo, o discurso digital na postagem do X, realizada pelo governador Tarcísio de Freitas, materializa discursivamente a articulação entre neoliberalismo, fé e tecnologia digital. Ele transforma o púlpito em palanque, o fiel em eleitor e o *like* em profissão de fé. A análise discursiva mostra que a obediência não é mero tema moral, mas há o funcionamento ideológico de um projeto político que busca, pela linguagem da fé, garantir a continuidade da ordem capitalista sob a forma de redenção.

Considerações (não) finais

A partir da perspectiva materialista da Análise de Discurso, compreende-se que a relação entre fé, política e mercado não é apenas simbólica, mas constitutiva de um modo de produção de sentidos que assegura a continuidade do capitalismo. O gesto de análise mostrou que, na materialidade discursiva, a relação supracitada é imbricada de modo a constituir sujeitos interpelados pela ideologia dominante. Como Pêcheux (1988, p. 160) afirma, “todo discurso é

o índice potencial de uma agitação nas filiações ideológicas”, isto é, a postagem publicada na rede digital “x”, através do perfil do governador Tarcísio de Freitas, materializa a formação ideológica do capital, reproduzindo e deslocando os sentidos que sustentam a ordem social vigente promovendo, sobretudo, o apagamento ideológico das contradições materiais.

O entrecruzamento político-religioso desloca o campo da luta social para o terreno da moral individual, transformando a submissão em virtude e a fé em instrumento de responsabilização. Orlandi (2011, p. 44) lembra que “o discurso é o lugar onde o sentido se produz e se reproduz, e onde o sujeito se constitui”. Nesse processo, o agora sujeito fiel-eleitor-seguidor é chamado a agir e crer, não como agente histórico coletivo, mas como indivíduo meritocrático e obediente à vontade divina — forma contemporânea de sujeição espiritual e política, pelo efeito da interpelação ideológica.

Assim, ao compartilhar, curtir e comentar os elementos de saber do discurso religioso-político nas redes sociais digitais, o fiel-eleitor-seguidor se reconhece como sujeito de fé e, ao mesmo tempo, como sujeito moralmente produtivo, reproduzindo o imperativo neoliberal da autogestão e da obediência. Orlandi (2007, p. 65) reforça que “a ideologia se materializa no discurso por meio dos efeitos de sentido”, e é nesse entrecruzamento entre o econômico e o espiritual que se evidencia a força da ideologia neoliberal, mascara a exploração sob o signo da bênção.

Desse modo, a análise deu a ver que fé, cliques e votos se articulam num mesmo processo discursivo de interpelação. Por esta via, o púlpito transforma-se em palanque político, o fiel assume posição de eleitor, a fé passa a constituir uma mercadoria simbólica em circulação tanto nos templos quanto nas redes sociais digitais. O discurso neoliberal, sobretudo, através do discurso religioso cristão neopentecostal, continua em funcionamento sob a promessa de salvação individual, produzindo sujeitos obedientes, dóceis e digitalmente engajados, em defesa dos valores da classe dominante, sob o argumento de que esta é a forma de alcançar ainda nesta vida o que antes só seria possível em um paraíso celestial.

Conflito de Interesse

Os autores não têm conflitos de interesse a declarar.

Declaração de Disponibilidade de Dados

O compartilhamento de dados não é aplicável a este artigo, pois nenhum dado novo foi criado ou analisado neste estudo.

Contribuição de autoria

Samuel Barbosa Silva: Conceptualização e Escrita – rascunho original.

Sóstenes Ericson: Escrita – revisão da análise e edição.

Referências

ALMEIDA, J. P. M. **Do meme ao mito**: uma análise do discurso neofascista brasileiro. Tese (Doutorado em Letras e Linguística). Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Maceió, 2023.

AMARAL, M. V. B. **Discurso e Relações de Trabalho**. 2. ed. Maceió: EDUFAL, 2016.

AMARAL, M. V. B. **O avesso do discurso**: análise de práticas discursivas no campo do trabalho. Maceió: EDUFAL, 2007.

ANDERSON, B. **Comunidades Imaginadas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BARBOSA, P. A. **Abuso do Poder Religioso nas Eleições**: a atuação política das igrejas evangélicas. Editora Lumen Juris, 2020.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. 23. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2013.

DELA-SILVA, S. [et al.]. **Análise de discurso**: uma introdução. Niterói: Eduff, 2022.

DIAS, C. **Análise do discurso digital**: Sujeito, espaço, memória e arquivo. Campinas/SP: Pontes Editores, 2018.

ERICSON, S. Desalento: efeito de sentido da ofensiva neoliberal sobre o trabalho. Entremeios - **Revista de Estudos do Discurso**, Pouso Alegre, MG, v. 20, n. Especial, Dossiê “Língua, discurso e trabalho na contemporaneidade”, p. 45-60, dez. 2019.

ENGELS, F.; MARX, K. **A ideologia alemã**. São Paulo: Boitempo, 2011.

FEITOSA GONÇALVES, H.; SANTOS, C. A ética neopentecostal e o espírito do neoliberalismo: elementos da retórica bolsonarista. **Revista Inter-Legere**, [S. l.], v. 5, n. 35,

p. c27832, 2022. DOI: 10.21680/1982-1662.2022v5n35ID27832. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/interlegere/article/view/27832>. Acesso em: 12 dez. 2024.

FERREIRA, M. L. Evangélicos e Extrema Direita no Brasil: um projeto de poder. **Revista Fim do Mundo**, n. 1, p. 46–71, 2020.

GRIGOLETTO, E.; GALLI, F. C. S. O funcionamento discursivo das Hastags: processos de (des) identificação ou aderência. In.: GRIGOLETTO, E.; DE NARDI, F. S.; SILVA SOBRINHO, H. F. (org.). **Ousar se revoltar: Michel Pêcheux e a análise de discurso no Brasil**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2021.

GUILBERT, T. **As evidências do discurso neoliberal na mídia**. Trad. de Guilherme Adorno, Luciana Nogueira, Luís Fernando Bulhões Figueira e Mônica G. Zoppi Fontana. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 2020.

HAN, B. **No enxame: perspectivas do digital**. Petrópolis: Vozes, 2018.

LYNCH, C. E.; CASSIMIRO, P. H. O populismo reacionário no poder: uma radiografia ideológica da presidência Bolsonaro (2018-2021). **Aisthesis**, nº 70, p. 223–249, 2021.

MARIANO, R. **Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil**. 2010 [1999].

MARX, K. **Para a crítica da economia política**. São Paulo: Abril Cultural, 1978. Coleção Os Pensadores.

MARX, K. **O capital: crítica da economia política**. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

MENDES PINI, A. NOBRE, F.; MENEZES, M. E. A. O neopentecostalismo no Brasil e a convergência com a ultradireita no populismo reacionário de Jair Bolsonaro. **Revista de Iniciação Científica em Relações Internacionais**, v. 11, n. 21, 1–16, 2023.

MISKOLCI, R. **Desejos digitais: uma análise sociológica da busca por parceiros on-line**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

ORLANDI, E. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. Campinas/SP: Pontes Editores, 2011.

ORLANDI, E. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas/SP: Pontes Editores, 2007.

ORLANDI, E. P. **Argumentação e Análise de discurso: conceito e análise**. Campinas/SP: Pontes Editores, 2023.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Trad. Eni Pulcinelli Orlandi *et al.* Campinas/SP: Editora da Unicamp, 1988.

PINI, A. M. **Desinformação e populismo radical de direita: o caso da eleição de Donald Trump em 2016**. Tese de doutoramento, Universidade de Brasília, 2021.

PRAXEDES, W. Sociologia das redes sociais. **Revista Espaço Acadêmico**, v. 23, n. 243, 202-217, 2024.

SILVEIRA, S. A. A noção de modulação e os sistemas algorítmicos. In.: SOUZA, J.; AVELINO, R.; SILVEIRA, S. A. (org.). **A sociedade de controle: manipulação e modulação nas redes digitais**. São Paulo: Hedra, 2018, p. 31 - 46.

WEBER, M. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

ZUBOFF, S. Big other: capitalismo de vigilância e perspectivas para uma civilização da informação. In.: BRUNO, Fernanda *et al.* (org.) **Tecnopolíticas da vigilância: perspectivas da margem**. São Paulo: Boitempo, 2018, p. 17-68.

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.